

Estudantes-Trabalhadores e a Influência da Graduação na Disposição para Agir e Crer

Student Workers and the Influence of Graduation on the Willingness to act and Believe

Maria Socorro Torquato^{a*}

^aUniversidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação.

*E-mail: maria.socorro.g.torquato@usp.br.

Resumo

Este artigo expõe os resultados de uma pesquisa realizada entre estudantes-trabalhadores do curso de graduação de Pedagogia da Universidade Bandeirante de São Paulo, *campus* Osasco, que procurou verificar a ocorrência de mudança de hábitos, comportamentos, gostos e crenças desses estudantes, em decorrência do curso. Para tanto, utilizando um questionário, foram traçados os perfis dos estudantes - tanto ingressantes como dos veteranos - em relação ao nível socioeconômico e aos hábitos culturais, contrastando-os. Recorreu-se, ainda, ao uso de um formulário cujo propósito era identificar com maior precisão as informações obtidas pelo questionário. Aplicando o conceito de disposição do sociólogo Bernard Lahire (2002; 2004; 2007), foram detectadas mudanças na disposição para crer, porém, não na disposição para agir.

Palavras-chave: Estudante-Trabalhador. Disposição. Hábitos. Mudança.

Abstract

This paper shows the results of a survey carried out among student-workers in the Education course at Bandeirantes University of São Paulo, Osasco campus, aimed to verify the occurrence of changes in habits, behavior, likes, and beliefs of these students with respect to the course. The profile of entering and veteran students was drawn up using a questionnaire concerning their social-economic level and cultural habits, which were then compared. A form to identify the information obtained by the questionnaire with greater precision was also used. Bernard Lahire (2002, 2004) concept of willingness was used to detect changes in the willingness to believe, but not in the willingness to act.

Keywords: Student-Worker. Willingness. Habits. Change.

1 Introdução

A presente pesquisa¹ buscou verificar as implicações decorrentes do investimento em Educação Superior feito pelo estudante trabalhador - mais precisamente do curso de graduação de Pedagogia, do período noturno - no que tange às modificações ocorridas nos hábitos, comportamentos e crenças ao frequentar tal curso.

Romanelli (2000), Souza e Lamounier (2010) caracterizam como aluno trabalhador aquele oriundo da classe média, que busca, por meio do diploma universitário, ascender socialmente. Este investimento tem origem em sua família, a qual espera que ele a supere no que se refere ao capital escolar e, conseqüentemente, cultural, trazendo de volta ao meio familiar os benefícios de tal investimento, haja vista que esse aluno faria com que a família também ascendesse socialmente. Ocorre, desta forma, uma mudança qualitativa no capital social, uma vez que, através do curso de graduação - ou seja, pela qualificação do aluno em docente, no caso específico dessa pesquisa -, a família, que até então só tivera qualificação concernente a trabalhos manuais, passa a ter, na figura de seus filhos, a integração do trabalho manual e

intelectual inerente à profissão de educador.

É preciso levar em consideração os fatores que fazem com que o estudante-trabalhador ingresse em cursos noturnos de formação superior. Esses cursos se destacam dos demais devido ao fato de atenderem às expectativas desta clientela que, de acordo com seu capital econômico, cultural e social, busca desde preços acessíveis até as facilidades do currículo e a relação informal entre professor e aluno. É fato que, o aluno que ingressa no Ensino Superior, ao buscar qualificação profissional, por meio das relações pessoais estabelecidas entre a comunidade universitária, professores e alunos, agrega valores (ou os intensifica) que vão além de seu objetivo puramente instrucional (ROMANELLI, 2000).

Assim, buscou-se averiguar possíveis mudanças nos hábitos, comportamentos e crenças desses alunos ao frequentar o curso de graduação em Pedagogia, utilizando o arsenal teórico de Bernard Lahire (2002, 2004, 2007), para quem a socialização do indivíduo é bastante complexa e plural, dado que ele está sujeito a experiências heterogêneas e contraditórias, além de estar sujeito a demandas variadas.

1 Pesquisa de Iniciação Científica realizada por: Jorge E. de Almeida, Cássia Alcantara, Deize Aparecida J.G. Lima, Joana D.L. da Silva, Sandra R.S. da Silva e Thaís S. de Oliveira, do curso de Pedagogia da Universidade Anhanguera de São Paulo - Unian, sob a orientação dessa autora.

2 Material e Métodos

A população pesquisada era composta de estudantes-trabalhadores do curso de graduação de Pedagogia, do período noturno, unidade do município de Osasco/SP, Universidade Bandeirante de São Paulo/Uniban, ano de 2010. População esta que se enquadrava no perfil do estudante-trabalhador, de classe média, que buscava, através do diploma universitário, ascender socialmente, tal como descrito por Souza e Lamounier (2010) e Romanelli (2000).

Na primeira etapa, foram abordados 248 estudantes-trabalhadores, sendo 156 veteranos (3º ano) e 92 calouros (1º ano). Por meio da aplicação de questionário, buscou-se construir o perfil socioeconômico e cultural de tais alunos e, desta forma, comparar o capital cultural inicial com o capital cultural final, ou seja, aquele que foi adquirido após o ingresso do indivíduo no curso de Ensino Superior.

Na segunda fase, foram selecionadas aleatoriamente 10 alunas veteranas (3º ano) dentre aquelas já anteriormente abordadas, com o intuito de analisar, com maior acuidade, os hábitos, crenças e comportamentos mantidos ou adquiridos no período em que frequentaram o curso de graduação de Pedagogia. A opção por alunas se deu pelo fato de 97,43% do total de estudantes dos terceiros anos do curso serem do sexo feminino e, nos primeiros anos, 96,73%. Para tal, foi realizada nova coleta de dados, desta vez por meio de um formulário a ser preenchido pelo pesquisador diante das respostas do entrevistado.

As questões desse formulário tratavam mais especificamente de assuntos que envolviam as influências do curso de graduação em Pedagogia sobre as questões pessoais das estudantes. Aspectos sociais e culturais foram abordados para que se pudesse verificar modificações nos hábitos cotidianos das alunas.

Os dados coletados foram analisados à luz da teoria do “Homem Plural”, de Bernard Lahire (2002), para quem o ator tem um patrimônio de disposições (propensões, inclinações comportamentais e mentais), fruto da socialização a que foi submetido. Lahire (2004) distingue três modalidades de socialização, quais sejam: 1) participando diretamente de atividades recorrentes na família, na escola, entre pares e local de trabalho; 2) consequência de um efeito difuso da ordenação ou organização de uma situação, quando não há dispositivo discursivo e intenção de inculcação moral, ideológica e pedagógica; e 3) inculcação ideológico-simbólica implícita e explícita das normas, crenças e valores culturais difundidos por todo tipo de instituições (tais como família, escola, mídia etc.). O autor alerta para o fato de estas três esferas de socialização não são necessariamente coerentes, portanto, passíveis de produzir efeitos de socialização relativamente dissonantes, formando um quadro cultural e simbólico parcial ou totalmente incoerente. As disposições incorporadas se ajustam aos contextos encontrados, ora se adaptando, ora se transformando, ou então se inibindo. Aquelas que são

reforçadas (atualizadas) tendem a ter mais força, ao contrário das demais, que se tornam frágeis, ou seja, elas se distinguem entre si pelo grau de força e fixação; outros fatores importantes na incorporação das disposições são o tempo e a repetição.

A ‘transmissão’ cultural é, na maioria das vezes, questão de tempo, de repetição, de exercício, pois se trata da instalação progressiva de hábitos no corpo, sejam hábitos mentais ou gestuais, sensoriais ou intelectuais. De acordo com esses hábitos, o tempo será curto ou longo. Será curto – mas sem necessidade de repetição na criança – para os gestos simples da vida cotidiana (puxar, empurrar, equilibra-se, pegar, apertar...). Mas, às vezes, muito longo para hábitos complexos de raciocínio (matemática ou filosofia), hábitos especializados de profissões (tais como as de relojoeiro ou marceneiro) ou hábitos morais (não se improvisa de um dia para outro um modesto, asceta ou leal) (LAHIRE, 2002, p.176).

Importante também frisar a diferença que Lahire (2002, 2004) estabelece entre as disposições a agir e as disposições a crer. O autor afirma que, muitas das vezes, há um descompasso entre ambas, pois os atores podem ter interiorizado certas crenças e não ter interiorizado os hábitos a agir correspondentes; ou ainda, é possível haver descompasso entre as crenças e as condições materiais para efetivá-las.

3 Resultados e Discussão

3.1 Perfil dos estudantes

De acordo com os dados obtidos por meio da aplicação do questionário, foi possível construir o perfil dos estudantes-trabalhadores abordados.

Esses estudantes, oriundos de famílias cuja maioria dos pais cursou até o Ensino Fundamental II, no que concerne à idade, demoraram para entrar no Ensino Superior, haja vista que apenas 21,73% dos estudantes dos primeiros anos e 10,89% dos terceiros anos se encontram na faixa etária entre 17 a 22 anos, a qual é considerada pela legislação como a idade certa para se cursar uma graduação. No tocante aos estudantes dos terceiros anos, a maioria se concentra na faixa etária entre 23 a 28 anos (41,66%), seguida pelos estudantes entre 29 e 34 anos (21,79%), e posteriormente, por aqueles com mais de 34 anos (25,61%). Entre os estudantes dos primeiros anos, encontrou-se dados relativamente parecidos, pois estes alunos ainda estão ingressando no Ensino Superior, então, é comum que se encontre aí uma maior porcentagem de jovens. Entre 23 e 28 anos, encontrou-se 28,26%; entre 29 e 34 anos, 25%; e com mais de 34 anos, 25,01%.

No que diz respeito ao estado civil, constatou-se um certo equilíbrio, uma vez que entre os estudantes dos terceiros anos, 37,17% eram casados e 4,48% ainda viviam maritalmente com um companheiro, 50% eram solteiros, 7,05% eram divorciados e 1,28% era viúvo. No tocante aos estudantes dos terceiros anos, 46,73% eram casados e 10,73% ainda viviam maritalmente com um companheiro, 38,04% eram solteiros e 4,34% eram divorciados.

Portanto, percebe-se que a maioria dos estudantes já

constitui sua própria família, sendo que 42% já têm filhos, fator que reforça o perfil com o qual se está tratando, qual seja, o estudante trabalhador.

No que tange à renda familiar, percebe-se uma ligeira melhora financeira entre os estudantes-trabalhadores dos terceiros anos (primeiros anos, 69% até quatro salários mínimos e meio e 27% mais de quatro salários-mínimos e meio. Já nos terceiros anos, 57% ganham até quatro salários-mínimos e meio e 43% recebem mais de quatro salários-mínimos e meio). Os estudantes-trabalhadores, em geral, moram em casa própria (63%), sendo que apenas 29% moram em cada alugada ou emprestada e 8% dos entrevistados não declararam o tipo de moradia.

No que diz respeito à profissão, a quantidade de estudantes-trabalhadores dos terceiros anos (58%) atuando na área da educação é maior em relação à dos primeiros anos (33%). Os dados referentes à renda - maior entre os veteranos - e à área de trabalho - uma porcentagem maior entre os veteranos atuando na área de educação - levam a inferir que são fatores decorrentes do ingresso no curso de graduação, pois, uma vez cursando Pedagogia, é possível adentrar na área da educação tanto como auxiliar de classe ou em estágio remunerado, por exemplo, o que pode influenciar na elevação da renda familiar.

Os estudantes-trabalhadores concluíram seus estudos em escolas públicas no curso regular, haja vista que o oposto disto - escolas particulares e curso supletivo - é característica de uma minoria. Durante os finais de semana, os estudantes-trabalhadores ocupam seu tempo, sobretudo, com programas televisivos, leituras, passeios a *shoppings*, cultos religiosos, audição de músicas e com a internet.

Neste quesito, faz-se mister salientar o contraste existente entre os primeiros e os terceiros anos, visto que, quando indagados sobre a frequência ao cinema, teatro, museus e exposições, a quantidade de estudantes-trabalhadores dos primeiros anos que afirmou nunca frequentar estas atividades foi maior em relação aos terceiros anos (Quadro 1).

Quadro 1: Frequência aos Espaços Culturais

	Práticas	Quantidade	Nunca %
Terceiros anos	Cinema	08	5,12%
	Teatro	30	19,23%
	Museus	54	34,61%
	Exposições	48	30,76%
Primeiros anos	Cinema	20	21,73%
	Teatro	42	45,65%
	Museus	50	54,34%
	Exposições	47	51,08%

Fonte: Dados da pesquisa.

Dado que cinema, teatro, museus e exposições sejam atividades valorizadas pela instituição escolar, é possível inferir que os terceiros anos submetidos à socialização escolar da graduação tenham mais dificuldade em negar o valor dessas atividades, porém, elas aparecem como pouco frequentadas, o que pode significar sua valorização, mas não necessariamente

o desenvolvimento do gosto, do hábito de frequentá-las, como afirma Lahire (2004), ou ainda, este dado pode se configurar como uma denúncia da falta de acesso a elas, por serem caras para esta parcela da população.

Outro dado possível de se apontar em relação à mudança de discurso influenciada pela socialização do curso de graduação é a preferência por determinadas emissoras de televisão: entre os (estudantes-trabalhadores dos terceiros anos, 33% afirmaram assistir à Rede Globo, enquanto entre os dos primeiros anos, são 66%). Observa-se que tal emissora frequentemente tem sido alvo de críticas entre professores universitários e intelectuais - acusada de disseminar a homogeneização da cultura, além de outros fatores -, sendo possível inferir que o contraste entre os primeiros e os terceiros anos se dê por influência de socialização do curso de graduação.

Os estudantes-trabalhadores abordados, em sua maioria, declararam serem leitores de jornais da grande imprensa (Folha de São Paulo e Estado de São Paulo). Quanto aos assuntos que mais lhes interessam nesses jornais, estão aqueles relacionados aos aspectos sociais (serviço público e educação, discriminação e violência, meio ambiente e desigualdade social). Porém, observa-se que esses assuntos são tratados separadamente da questão política, uma vez que a maioria declara se interessar pouco por esta atividade, estando abaixo apenas do assunto esportes.

Um dado que chama a atenção é o fato de 48% dos estudantes-trabalhadores dos primeiros anos afirmarem o desinteresse pelas artes (cinema, teatro e música), enquanto entre os estudantes-trabalhadores dos terceiros, não há nenhuma declaração de desinteresse em relação a este item; tal fato reporta à socialização proporcionada pelo curso de graduação, uma vez que as artes são ressaltadas e valorizadas como instrumentos de trabalho do pedagogo, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental I.

3.2 Disposição para crer e agir

Com base nos dados do formulário respondido por 10 estudantes-trabalhadoras dos terceiros anos, com intuito de refinar as informações relativas à mudança ou não de hábitos, obteve-se as seguintes informações:

Constatou-se que a maioria escolheu esse curso devido à influência da família, a qual vê na profissão de professora/pedagoga uma forma de agregar *status* social, e também em virtude do gosto por esse tipo de trabalho;

Todas atribuem ao curso mudanças positivas em sua vida pessoal. Essas mudanças ocorrem, segundo elas, tanto no aspecto cognitivo quanto no valorativo, bem como na mudança de perspectiva em relação ao mundo;

Quanto às relações sociais, alegam terem feito novas amizades, que se estenderam para fora do espaço da faculdade. Existe distinção entre as conversas com os antigos e os novos amigos, sendo que as antigas amizades continuam fazendo parte de seu meio. No que se refere ao relacionamento

amoroso, metade das entrevistadas alega ter mudado sua postura em relação ao parceiro, adotando uma postura mais crítica, e a outra metade não atribui nenhuma mudança;

Em relação ao hábito da leitura, embora seja evidente que o curso a exija em seu cotidiano, nota-se certa resistência em praticá-lo ordinariamente. As maiores incidências de leitura são de pessoas que já a praticavam antes de ingressarem no curso de graduação. É interessante notar que a maioria não soube citar corretamente o nome e o autor da última obra lida (no âmbito acadêmico), ao passo que os títulos das obras de que se lembravam não eram relacionados ao curso;

O hábito de assistir à TV sofre grande alteração quanto à programação preferida e quanto à influência no gosto dos filhos, pois as alunas se tornam mais seletivas quanto aos conteúdos a que elas e sua família assistem;

A escuta musical não sofre grandes alterações, havendo tendência a prestarem maior atenção à MPB e à música erudita;

O hábito de presentear crianças é influenciado pelo curso e, atualmente, dá-se preferência aos brinquedos pedagógicos. Esta preocupação não ocorre no caso de o presenteado ser um adulto, talvez pelo fato de a Pedagogia enfatizar a Educação Infantil;

A orientação política das estudantes-trabalhadoras não sofre qualquer influência do curso. Aquelas que mostram uma orientação política bem definida já a tinham antes de ingressarem no curso;

Entre as atividades que gostariam de deixar de fazer, constam as relacionadas ao curso, devido à sobrecarga, que acarreta falta de tempo para o lazer e para a família. No entanto, quanto aos planos futuros, a maioria alega querer continuar estudando em curso de pós-graduação;

As estudantes-trabalhadoras explicitam alguns valores adquiridos ou reforçados (atualizados) pelo curso (embora não gostem de Música Popular Brasileira e erudita, acham que têm que ouvir; também desejam continuar os estudos). Em alguns momentos, deixam transparecer certo conflito entre esses valores (acham importante e necessário o ato de ler, mas não internalizaram o hábito da leitura; querem continuar os estudos sem o ônus do trabalho que ele demanda);

Percebe-se algumas mudanças pontuais de comportamento - como a seleção de programas que os filhos veem, assim como a preocupação em dar presentes educativos para as crianças -, comportamentos estes ligados intrinsecamente à profissão de pedagogo/educador, com o enfoque na criança, uma vez que afirmam não terem mudado o comportamento ao presentear um adulto com um livro, por exemplo. Transformações mais complexas que demandavam mais tempo e repetição, como, por exemplo, o entendimento das questões educacionais pelo viés político, há evidências de que não ocorreram. Seria necessário mais tempo de curso para adquirir tais hábitos; segundo Lahire (2002), pode-se inferir ainda que dificilmente tal hábito já não tenha sido trabalhado na educação básica ou no contexto familiar, sendo portanto, mais difícil de se

apreender no momento atual;

Há atualização (reforço) de algumas disposições (propensão) apreendidas anteriormente na educação básica ou em outro espaço que ficaram adormecidas. Porém, percebe-se mais mudanças na disposição para crer enquanto aquelas relacionadas à disposição para agir se mostram mais frágeis, como, por exemplo, as estudantes-trabalhadoras afirmarem ter mudado a programação de TV vista pelos filhos, com base no conhecimento aprendido no curso (disposição para crer) do que é bom para a educação das crianças. Entretanto, não há evidências de que tenha ocorrido desenvolvimento do gosto pela programação sugerida aos filhos; o mesmo ocorre com a preferência por presentes educativos para as crianças e manutenção do estilo de presente para os adultos. Dito de outra maneira, o que se evidencia é a crença em determinados valores relacionados às crianças que foram internalizados aos discursos dessas estudantes-trabalhadoras, mas não o suficiente para gerar mudanças de comportamento que pudessem se expandir para outros contextos que não fossem aqueles relacionados ao mundo infantil;

A mudança na disposição para crer pode ainda ser observada no relato das estudantes-trabalhadoras quando afirmam que deveriam ouvir MPB e música erudita, quando valorizam a leitura, embora não tenham desenvolvido tal hábito e, ainda, quando expressam querer continuar os estudos. Reforçando (atualizando) a legitimidade destas práticas, então se passa a validá-las;

A mudança na disposição para agir se apresenta frágil, quase inexistente. É possível inferir que tal fato ocorra porque o tempo de curso foi insuficiente, pois, segundo Lahire (2002, 2004), as disposições, para serem atualizadas, dependem de tempo e repetição.

4 Conclusão

A presente pesquisa mostrou que o curso de graduação de Pedagogia para a nova classe média representa possibilidades de mudanças de comportamentos e de crenças, mudanças na disposição para agir e na disposição para crer.

No entanto, é importante observar que as alunas-trabalhadoras da nova classe média, primeira geração da família a cursar este nível de ensino, têm contato pela primeira vez com alguns valores, conhecimentos e comportamentos, pois passam a conviver com pessoas diferentes de seu universo cultural, como os professores universitários, passam a ter contato com autores e teorias que até então não conheciam e ainda trocam experiência com seus pares. Daí se inferir que é impossível afirmar que a pessoa que sai desta instituição é a mesma que nela entrou. Talvez suas crenças não tenham sido abaladas, porém, tais experiências vivenciadas pela primeira vez talvez possam vir a ser reforçadas (atualizadas) em outros contextos (pós-graduação, grupo de novos amigos etc.) e, assim, provocarem mudanças futuras nas disposições.

Por isso, acredita-se que a experiência da nova classe média neste nível de ensino precisa ser analisada em sua

forma positiva.

A sociedade só se fará justa quando todos tiverem condições de ter acesso ao conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história e escolher e garantir a legitimidade de seu ponto de vista.

O capital cultural transmitido pela família aos seus descendentes tende a se acumular, ocorrendo, a longo prazo, transformações no seio da própria família; por esse motivo, insiste-se na democratização do ensino, estando sua qualidade nas mudanças que ele promove.

Referências

LAHIRE, B. *Homem plural: determinantes da ação*. São Paulo:

Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, B. Indivíduo e mistura de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. *Dados Rev. Ciênc. Soc.*, v.50, n.4, p.795-825, 2007.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante trabalhador. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO N. (Org.). *Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, A.; LAMOUNIER, B. *Classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.